

ÁREAS CULTURAIS E O FOLCLORE BRASILEIRO

ALCEU MAYNARD DE ARAÚJO

O prof. Dr. Alceu Maynard de Araújo, titular da cadeira de História Econômica e Social do Brasil na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, e de Geografia e História Econômica no Instituto Mackenzie, é sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e sócio cooperador da A.G.B. Conhecedor das diferentes regiões brasileiras, especialista em folclore, o autor oferece aos leitores do B.P.G. algumas páginas sobre Áreas culturais e o folclore brasileiro.

O Brasil, graças ao vasto território, oferece-nos paisagens geográficas diferentes. Várias tentativas têm sido feitas por estudiosos, além dos geógrafos, de dividi-lo em zonas, áreas e regiões. Uns tomam a abordagem da alimentação (Josué de Castro — as áreas da fome), outros o processo da ocupação humana (M. Diegues Jr.) ou geo-econômica (Dirceu Lino de Matos). Donald Pierson e Mário Wagner da Cunha apontam cinco áreas culturais, Charles W. Wagley registra cinco regiões naturais. Dentre os vários estudiosos, destacamos Joaquim Ribeiro que em "*Estudos do Folklore Brasileiro*", propõe a divisão do Brasil em seis áreas de homogeneidade cultural, dividindo-as em ciclos. A divisão proposta por esse ilustre folclorólogo brasileiro está mais de acordo com nosso interesse, isto é, o enfoque sob o prisma do folclore. A área cultural é uma extensão onde há características próprias de uma determinada cultura, onde um elemento (ou conjunto de elementos) a difere de outras (áreas), mesmo de uma vizinha. Para o antropólogo social as áreas culturais podem ser delimitadas tanto pela presença de elementos e de complexos, como pela ausência deles.

Para nós, o ideal seria ressaltar os tipos estruturais diferentes de sociedade; fazer surgir na homogeneidade nacional a heterogeneidade, sentir esta diferenciação que nos conduz a uma compreen-

são melhor dos fenômenos pelos quais a evolução social se processa. Perscrutar os fenômenos evolutivos que as várias regiões vêm sofrendo, onde o carro de bois passa gemendo por entre tôres de petróleo ou onde, ao lado de fábricas de automóveis, há feiras para onde a mercadoria vem nos jacás e bruacas no lombo de lerdos asnos, onde o passado coabita com o presente. Não nos foi dado fazer o que desejávamos porque, entre outros fatores, não nos foi possível prescindir por completo da geografia para a caracterização das áreas culturais, mormente pelo fato de as *técnicas de subsistência* terem muito "sabor geográfico". Entretanto, são elas que melhor nos possibilitam vislumbrar a caracterização dos diferentes tipos de estrutura da sociedade brasileira. O folclore precisa da geografia.

Aceitando o convite que nos fez o insigne mestre e amigo Aroldo de Azevedo para apresentar um artigo sobre folclore e geografia, achamos oportuno oferecer aos leitores deste Boletim o presente estudo, no qual propomos a divisão do Brasil em *áreas culturais*, baseando-nos nas *técnicas de subsistência* observadas em nossas andanças pelos quatro pontos cardiais do território nacional. É óbvio, as técnicas de subsistência fazem parte da paisagem geográfica.

As técnicas de subsistência são em geral circunscritas pelas limitações geográficas (paisagem natural). Estas limitações transcendem muitas vezes o campo do gênero de vida das coletividades humanas, influenciando também nas maneiras de pensar, de sentir, de agir e na própria cosmovisão, dando assim aos membros dos agrupamentos humanos, diferentes formas de experiência. Muitas destas experiências constituem o *fato folclórico*. E, em particular, o folclore (ramo das ciências antropológicas que é) examina-o pelo processo empírico-indutivo.

A sobrevivência de fatos culturais nem sempre está ligada ao fenômeno geográfico das "ilhas continentais", isto é, de povoados isolados nas montanhas, pois o isolamento (geografia física) é apenas uma condição, não a essencial, e é provável que se relacione muito mais com o gênero de vida (geografia humana). Não negamos que com o escasseamento dos contactos, empobrece-se a tradição oral, na qual a cultura rústica se baseia. Mas, o folclore liga-se, isso sim, à estrutura social. O novo conceito dado ao gênero de vida, o das técni-

cas de subsistência, é mais amplo do que o da geografia humana, porque êle é da antropologia cultural.

O insulamento de certas populações em relação ao folclore brasileiro pode levar-nos a dois pontos: conservação ou perda. Caso lançássemos mão apenas do folclore para a nossa divisão poderíamos ser levados a incidir em erros (p. ex., área da viola, do bumba-meu-boi), pois as estradas e caminhos, portanto as comunicações, poderão modificar ou não, fazer desaparecer certas manifestações; no entanto, aquilo que se faz para a manutenção da vida é um meio mais seguro para se sentir, examinar a continuidade dos traços folclóricos. Acreditamos ser a técnica de subsistência, a melhor linha demarcatória. E não se pode negar a existência de um liame muito forte entre o folclore e os grupos institucionalizados, sendo êstes a base onde repousam as tradições.

Há outras inter-relações das técnicas de subsistência com as causas geográficas, por exemplo, as condições climáticas, a dispersão da população, que se refletem, por sua vez, também no folclore.

Já estudamos em "*Ciclo Agrícola, Calendário Religioso e Magias ligadas às Plantações*" (1), a inversão climática ocasionando uma transformação agrícola e conseqüentemente cultural, é claro que nem sempre total por causa das sobrevivências européias, resultando daí uma valorização maior ou menor das festas que recebemos de Portugal.

O que não resta dúvida é que as condições de alimentação estão em íntima relação com o folclore. Não se deve, entretanto, desprezar outras causas, como as étnicas e históricas ao traçar as delimitações das áreas.

Quanto às causas históricas, citemos, por exemplo, o resultado de ter o grande Alexandre de Gusmão, tentado colocar como baluarte contra os castelhanos, povoando com vários casais, a Ilha de Santa Catarina e continente, transmigrando-os de Açores, a partir de 1748 a 1756. A bagagem cultural catarinense se deve em grande

(1) — Araújo, Alceu Maynard — "Ciclo agrícola, calendário religioso e magias ligadas às plantações" — Rev. do Arquivo Municipal de São Paulo, vol. CLIX de 1957.

parte aos açorianos que difundiram seus usos e costumes numa larga faixa litorânea, na vizinhança para o norte até Cananéia (Estado de São Paulo) e para o sul até aos pampas gaúchos. Dosagem étnica proporcional de igualdade em número de nativos e outros (brancos) já existentes para cerca de cinco mil açorianos, portadores da arqueocivilização lusíada. Esta prevaleceu nos seus usos e costumes, no seu amor à vida agrícola, na lavrança da terra.

Influência quer na cultura espiritual, quer na material: desde as pombinhas que ornaram os beirais das casas de alvenaria, ou tipo de carro de bois, ou a olaria das "louças de barro", ao artesanato das rendas de bilro, do peditório do pão-por-Deus ou do ritual do "aigizein" presente no boi-da-vara, ou as Festas do Divino, às danças de fandango até aos cantadores repentistas.

Além dos fatores citados, o próprio folclore recebeu diversificações graças às técnicas de subsistência, por exemplo, o folclore urbano é bem desenvolvido no Nordeste, já no Sul do país é o folclore rural que penetra nas cidades grandes — amostra sem jaça das sobrevivências lusas e das tradições do rurícola africano que veio para o eito dos grandes latifúndios agrícolas, para o cafèzal.

Claro que não usamos a língua para estabelecer as áreas culturais, pois ela é partilhada igualmente por todos os brasileiros, então lançamos mão das técnicas de subsistência, elemento cultural partilhado por certos grupos humanos, portanto uma característica delimitadora.

AS ÁREAS CULTURAIS — Como instrumento de trabalho procuramos dividir o Brasil em áreas culturais, para que pudéssemos localizar no espaço os fenômenos da cultura, isto é, do "conjunto da tradição social".

As áreas serão delimitadas graças ao predomínio de determinados padrões culturais tipificadores desse espaço geográfico e foi-nos possível, através das técnicas de subsistência traçar as áreas culturais, as quais utilizaremos ao relacionar os fatos folclóricos. É óbvio que traçamos com um critério maleável e plástico por se tratar de um fenômeno da antropologia cultural como é o folclore. Por outro lado, o folclore auxilia a caracterização das paisagens culturais porque êle constitui um elemento desta. Folclore e geografia estão em estreitas ligações.

O fato folclórico como fenômeno cultural que é, vivência na realidade brasileira, onde pode ser recoltado, desempenhando função social, trazendo em seu bôjo as características do popular, do anônimo e do tradicional, transmitido quase sempre pela oralidade, necessita, num país tão vasto, para ser estudado, escudar-se em base geográfica porque na verdade, esta influiu também, entre outros fatores, para a diversificação de suas variadas manifestações. Ao constataremos tal influência, tomamos o contexto do gênero de vida, ou melhor, das *técnicas de subsistência*, para traçarmos as *áreas culturais* e suas subdivisões em *regiões culturais*. Nossa divisão é proposta, sugerida apenas, com o fito de servir como instrumento de trabalho ao escrevermos um estudo de alguns aspectos do folclore brasileiro em três alentados volumes, ora no prelo da Companhia Editora Melhoramentos.

As áreas culturais brasileiras segundo as *técnicas de subsistência* são: I) — da *Pesca*, compreendendo as regiões a) — da *jangada* e b) — da *ubá*; II) — *Agrícola*, compreendendo as regiões a) — *açucareira*, b) — *cafeicultora*, c) — *novas culturas*; III) — da *Mineração*, compreendendo as regiões a) — do *minerador*, b) — do *garimpeiro*; IV) — *Pastoril*, compreendendo as regiões de a) — do *vaqueiro*, b) — do *campeiro*, c) — do *boiadeiro* e finalmente a V) — *Amazônica*.

Ao traçarmos as áreas culturais pensamos também no fator histórico para a sua ordenação, daí partirmos do litoral, das técnicas empregadas pelo morador do beira-mar, seguindo-se as da lavoura açucareira que se localizou nos primórdios da vida social brasileira na mancha do massapê nordestino, depois a da mineração que suscitou o ciclo econômico pastoril.

A vasta área amazônica, graças à sua típica configuração, se nos apresenta como um grande todo sob o predomínio do extrativismo e da catança. Na verdade, nesta região, predominante é o quadro natural, o elemento cultural sendo pouco representativo.

As *áreas culturais* compreendem sub-áreas, ou melhor *regiões*. Assim, a *área da pesca* compreende a da *jangada* e a da *ubá*. Estes dois tipos de implementos usados na pesca no litoral brasileiro, de contexturas diferentes, empregados, porém, para a mesma fina-



lidade, suscitaram diferenças sutis na própria haliêutica. O jangadeiro difere do caiçara e ambos são pescadores das costas brasileiras. Jangada e ubá não diferem apenas como elementos da cultura material: aqueles que de uma ou de outra se utilizam, são portadores de alguns traços da cultura imaterial ou espiritual diferentes. Parece que a jangada infunde ao pescador um sentido mais amplo de arrôjo, de intrepidez, de aventura do que a ubá. A jangada propicia a luta direta com o pescado, a ubá transporta a rêde que vai arrastar os muitos peixes para a praia. Não há luta. Há, portanto, diferenças entre uma região e outra, embora ambas tenham como técnica de subsistência a pesca.

A *área agrícola*, historicamente começa pela região açucareira, vindo depois a cafeicultura e na atualidade as novas culturas. Aquelas duas primeiras receberam larga influência negra, sentiram a presença do escravo portador da arqueocivilização do ábrego Continente; a última não, ela é portadora de uma contribuição nova, os colonos alemães, italianos, japoneses. Na região agrícola açucareira, poderíamos destacar sub-regiões onde há o cultivo do cacáu, do côco. Na região cafeicultura se estendendo por cinco Estados, comporta na atualidade outras culturas. Entretanto, nesta, o gênero de vida predominante é o que está ligado ao café. É claro que há indústrias, mas o folclore notadamente de origem negra é encontrado com maior abundância, justamente na faixa territorial *por onde andou o café*.

A *área da mineração* é aquela onde esteve presente o bandeirante e anote-se também o fenômeno garimpeiro que renova de batéia tanto quanto abandona as corrutelas e arraiais, fazendo surgir as cidades-fantasma, repletas de lendas, as cidades-mortas, vivas de folclore.

Nesta área estão também as cidades novas, nascidas ao lado das grandes jazidas de minério que as novas exigências do progresso estão sequiosas de obter: xelita, cassiterita, tantalita, colombita, vanádio, manganês ou outros, desentranhando-os do solo. Em vários pontos do Nordeste brasileiro, tais cidades brotando no agreste ou no sertão ressequido, vêm fixando os migrantes que "desciam" em "pau-de-arara" para o Sul. Filhos de vários estados nordestinos vêm

se concentrando nesses novos povoados e cidades, perdendo, recriando, fundindo o folclore ante a nova técnica de subsistência que adotaram — a mineração.

A *área pastoril* compreende três regiões distintas: a do *campeiro*, reinado do gaúcho, a do *vaqueiro*, onde está presente o "homem encourado" do agreste, que vive bordejando o polígono das sêcas e a do *boiadeiro*, que vai dos pantanais do Mato Grosso até aos frigoríficos do Norte paulista, dominando o Sul de Goiás e Triângulo Mineiro. *Campeiro*, *vaqueiro* e *boiadeiro*, sob o signo da mesma técnica de subsistência, têm a partir da própria cultura material — a indumentária — diferenças marcantes; basta olhar para o chapéu do vaqueiro nordestino, cuja cópa afunilada e aba curta e recurvada nos faz lembrar o elmo dos soldados holandeses da invasão, ou o chapéu de aba larga do boiadeiro ou o do gaúcho onde se fundem os estilos dos dois. Por outro lado, a paisagem natural condiciona-lhes maneiras distintas de cuidar do rebanho, de "conversar" com o animal, pelo aboiar. Estas repercutem, e não poderia deixar de ser, na cultura espiritual, portanto, no folclore.

As áreas culturais não podem obedecer a um limite rígido como as administrativas, com linhas demarcatórias fixadas por leis e decretos. Sendo mais elástica, ela não admite a fixidez das linhas arbitradas. A divisão proposta, repetimos, é um mero instrumento de trabalho para facilitar uma apresentação de estudos da poranduba brasileira. Na divisão sugerida não inserimos a zona salineira, mancha cultural nos Estados potiguar, sergipano e fluminense ou da erva-mate, que não chega a constituir propriamente uma região.

Queremos ser o primeiro a denunciar a fragilidade dos nossos instrumentos de trabalho no campo das ciências sociais, oriundos quem sabe da própria precariedade do material coletado, do pequeno acervo de observações realizadas por um pesquisador que jamais contou com o oficialismo e os cofres públicos para executar pesquisas no campo do folclore nacional. Na conjuntura atual talvez ainda não seja suficiente o que se colheu para a propositura desta divisão de áreas culturais brasileiras e desejamos mesmo apontar certas observações como a que se segue para mostrar como a própria técnica de subsistência ainda não é a delimitadora ideal.

Embora não seja a ideal, ela é um *ponto de partida*. A técnica de subsistência que caracteriza uma região, quando substituída, permitirá a existência de um hiato cultural mantenedor das antigas formas típicas ligadas a ela, como sejam as da recreação, dos costumes; enfim, aí se encontrará o que apropriadamente será chamado de *sobrevivências*. Exemplifiquemos com as observações que vimos realizando desde 1944 na Bacia do Paraíba do Sul e seus principais formadores, na vasta região entre a Serra do Mar e da Mantiqueira, na parte vetusta da região cafeeicultora brasileira, onde em vários pontos as técnicas ligadas ao café foram abandonadas, substituídas por outras, envolvendo para o ciclo pastoril (São Luís do Paraitinga, Cunha) e noutras onde houve uma substituição abrupta pela industrialização (Taubaté), mas, nesse todo, no "Vale do Sol" ficaram as marcas indelévels na cultura espiritual do piraquara que ainda vive por onde andou o café.

Por onde andou o café?

Sim, êle passou por aqui. Passou e hoje ficaram as trilhas por onde seus pés andavam a passos de gigante grimpendo e descendo o "mar de morros" marginal do Paraíba do Sul. Nas marcas de suas pegadas, com os desencantos, ficaram os cantos do passado, os ricos temas do folclore que surgiu quando por estas plagas apareceu êsse que por aqui andou — o café.

Por aqui andou o café. Com êle partiram os moços piraquaras — foram ser machadeiros na *zona pioneira*. Ficaram os velhos. As mulheres também ficaram. Elas são as portadoras e conservadoras da tradição. Elas ficaram para nos contar estórias e as narrativas da crueldade de muitos feitores e dos muitos lobisomens, sacis, mães-de-ouro que povoaram a região. Ficaram os velhos e com êles o jongo também ficou.

O café foi-se embora. De foice na mão, os companheiros de juventude do nascente café, derrubaram matas para plantá-lo; hoje êles não têm mais força para vibrá-la de encontro às árvores naningueras ou os machados nos troncos das perobeiras, dos jequitibás, das cabriúvas que não existem mais "nem para remédio". De tronco só restou o tóco sêco e perfurado do tambu. Ah! êsse sim, os velhos costumam vibrar êsse tronco membranofonizado, fazendo sua voz rouquenha ecoar estentórica nas reboadas das montanhas da

Mantiqueira e do Mar, mensagem musical enviada dali do pátio da capela, da praça da cidade do tempo do Brasil Império. Esse vozeiro nada mais é do que o canto ritmado das passadas pelos caminhos por onde andou o café. Os velhos não têm mais força para trabalhar de sol a sol; ficou, porém, para eles a noite, a noite que é do Jongo também.

E' aqui a zona folclórica jongueira do Estado de São Paulo. Ela nasceu com o plantio do café, pois veio com a escravaria de Angola e do Congo, a dança do jongo. Café e jongo no Estado de São Paulo são coevos, são gêmeos. Das entranhas da terra paulista nasceram os cafêzais num vagido atabaqueado de condongueiros e tambus; extortado ao ritmo de anguaias e guzungas, o jongo nasceu. Jongo e café são dióscuros.

O café entrou pela baixa fluminense, subiu o Vale do Paraíba do Sul, tomou conta de pequenos burgos, fundados alguns anteriormente pelos bandeirantes, fêz florescer cidades importantes, uma delas a Imperial Cidade de São Luís do Paraitinga, e o rubro de suas bagas deu sangue de nobreza a êsses vilarejos que se tornaram cidades e cabeça de comarca. O café andou por aqui. Caminhou depois rumo ao Norte, entrou por Minas Gerais e está em Oliveira e, onde hoje é Governador Valadares, andou se espichando no Estado do Espírito Santo. Esse mundão de terras por onde andou o café, antes da República dealbar e antes do refulgir do 13 de maio, êsse é hoje o grande feudo folclórico do Jongo. E' uma zona nos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo, zona folclórica jongueira. Não importa que o nome de tal dança negra seja diferente nesta vastidão territorial: caxambu ou jongo, ou angona, nessa dança de origem angolo-conguesa todos confabulam nos "pontos" uma conversa ininteligível aos seus patrões, porém clara para os jongueiros. E' a crítica, os desabafo musicais contra os senhores prepotentes. Função catártica do folclore.

Mas, os jongueiros não sabiam que o café iria embora, daria um outro passo gigante, pisaria nas terras de Campinas, Ribeirão Preto, depois em Marília, e hoje no Norte do Paraná e se esgueirando pelo Mato Grosso. Os jongueiros continuaram a chocalhar as anguaias pondo "ponto", rodeando o "pai tôco", "saravando os san-

tos, o céu e a mãe terra”, terra onde se substituiu o cafêzal pelas pastagens de criatório de vacas leiteiras. Com a entrada do gado a zona jongueira despovoou-se. O “gado traz o deserto” afirma Carlos Borges Schmidt. A condição social dos jongueiros é a mais precária de todos os trabalhadores rurais — homens idosos cuja capacidade para a lide na agricultura é pequena.

Por aqui andou o café e levou com êle a riqueza material, mas ficou com os negros velhos a riqueza musical do jongo.

A casa grande da fazenda, ao lado, o terreiro de café, lá em baixo a senzala, ficaram desertos como ficou também solitário o sobradão da cidade. No terreiro hoje dançam os novos moçambiqueiros, passos ágeis, com algumas figurações, mais parecendo cavaleiros árabes exercitando-se. Já nos imensos salões do sobradão da cidade não se ouve mais, antes do baile de gala da aristocracia rural cafeeicultora, os negros escolhidos, de camisolão branco dançando o moçambique e cantando loas a São Benedito. Agora, no dia de São Benedito, isto é, na segunda-feira que se segue ao Domingo de Ressurreição é que aparecem outros moçambiqueiros, geralmente um grupo de gente mōça a dançar, manejando bastões como se fōssem cimitarras. Sim, no “terno de dançadores de São Benedito”, a maioria é de mōços, pois os velhos não entram no moçambique, os velhos dançam é o jongo. São moços que se vestem só de branco que é a cor preferida pelos mouros. Há no bailado do moçambique, não só na coreografia, mas no trajar também, um pouco de árabe. Moçambique é a mesma “morris-dance” dos inglêses.

No presente, o ponto de concentração dos moçambiqueiros é Aparecida do Norte, localizada do coração da zona cafeeicultora do passado. Tem aí, essa dança de características mouriscas, na Meca do catolicismo romano em terras brasileiras, seu melhor centro de irradiação, de difusão. A imitação exerce um poder incomensurável, muitos romeiros de Aparecida do Norte se converteram — são moçambiqueiros. A música insinuante dos tocadores de adufes, caixas, violas, rabecas, cavaquinhos, têm o condão de evangelizar os romeiros, todos os anos por ocasião da vacância agrícola de agosto e primeira semana de setembro, fazendo-os cavaleiros trajados de branco, de bastão na mão a dançar o Moçambique — mensagem artísti-

ca que os mouros deixaram na Península Ibérica e os portugueses nos legaram. E' um pouco dos "pauliteiros" de Miranda (Portugal) a dançar e a cantar pela bôca dos caboclos, mulatos, negros e piraquaras da zona moçambiqueira do Vale do Paraíba do Sul, por onde andou o café.

Neste vale, numa vasta extensão não existe mais a técnica de subsistência ligada ao cultivo do café. O "estilo de vida" como disse André Varagnac, declinou, o folclore ligado ao café *sobrevive* por enquanto, mas, uma vez substituído tal "estilo de vida", é certo, desaparecerá o folclore tradicional. E é o que está acontecendo.

CONCLUSÃO — Concluindo, procuramos mostrar a inter-relação entre folclore e geografia. As técnicas de subsistência nos serviram como linhas delimitadoras. Não há dúvida de que elas influenciam a vida espiritual. Aliás, um tipo de implemento empregado na haliêutica, divide a área da pesca em duas regiões distintas. O jangadeiro, por causa da jangada e da maneira peculiar de pescar, de enfrentar o peixe, de lutar com êle no salso elemento, usando o bicheiro ou a araçanga, acaba tendo mentalidade diferente daquela do pescador que usa a ubá. Êste apenas tocáia o peixe e não o fiska, não o enfrenta, arma a rêde de espera ou arrasta a de "arrastão". Tal tipo de trabalho influi por certo na psique do pescador. O jangadeiro tem na transmissão oral das estórias, dos A B C, a vasão de tudo aquilo que acumulou na luta quotidiana no colo das ondas, as impressões que guardou daquela solidão que o envolveu nas dormidas em alto mar. O caiçara, pescador da ubá, tem nas danças do fandango, nos xibas, nos cantos, a oportunidade de exaltar o mar, enriquecendo musical e coreograficamente o folclore do mar.

No entanto, o próprio instrumento de trabalho que nos serviu para a caracterização — as técnicas de subsistência — é frágil. Apontamos tal fragilidade referindo-nos aos traços do folclore ligados ao café, à região cafeicultora.